

Os protoberberes

J. DESANGES

Antes da chegada dos fenícios às costas da África, no início do I milênio antes da era cristã, as componentes étnicas das populações líbias já se encontravam quase fixadas, não devendo variar sensivelmente durante toda a Antigüidade: do ponto de vista quantitativo, é inverossímil que os acréscimos demográficos fenício e romano tenham sido significativos. A participação fenícia na demografia da África Menor não pode ser avaliada com precisão. Todavia, é provável que Cartago não tivesse recorrido com tanta freqüência aos exércitos mercenários nos campos de batalha se os cartagineses de origem fenícia fossem numerosos. A contribuição demográfica romana é de apreciação igualmente difícil. O número de italianos instalados na África à época de Augusto — em que a colonização foi mais intensa — foi estimado em 15 mil¹; acrescente-se a essa cifra alguns milhares de italianos que se fixaram na África por iniciativa própria. Em nossa opinião, o número total de colonos romanos instalados na região à época de Augusto ultrapassa de pouco os 20 mil. A África romana não foi, em nenhuma hipótese, uma colônia de povoamento. Quanto aos acréscimos vândalo e bizantino, foram provavelmente ainda mais modestos.

Treze milênios antes da era cristã², pelo menos, constata-se a presença de uma civilização denominada muito impropriamente Ibero-Maurusiense (a navegação pelo estreito de Gibraltar só chegou a ser praticada 9 mil anos mais tarde). Seus portadores, a raça de Mechta-el-Arbi, são de grande estatura (1,72 m em média), dolicocefalos, com testa baixa e membros longos; seria a primeira raça a representar o *Homo sapiens* no Magreb³. Praticavam com freqüência a evulsão dos incisivos. Reconheceu-se em alguns sítios — notadamente no de Columnata (Argélia ocidental)⁴ — uma evolução para a meso-braquicefalia, bem como sinais de gracilização, por volta de 6000 antes da era cristã. O fim da civilização ibero-maurusiense propriamente dita ocorre no final do IX milênio, de maneira mais ou menos incisiva segundo a região. Suplantado na Cirenaica pelo Capsiense, o Ibero-Maurusiense extin-

¹ ROMANELLI, P., 1959, p. 207.

² CAMPS, G., 1974-b, pp. 262-8.

³ Cf. BALOUT, L., 1955, pp. 375-7; cf. também CAMPS, G., 1974-d, pp. 81-6.

⁴ CHAMLA, M. C., 1970, pp. 113-4.

gue-se de maneira vaga diante das culturas locais da Argélia e do Marrocos. Está ausente das costas norte-orientais da Tunísia assim como das pequenas ilhas do litoral⁵, e é fracamente representado na região de Tânger. É pouco provável que tenha chegado às Canárias, ao contrário do que em geral se acredita: embora os Guanchos se assemelhassem fisicamente aos homens de Mechta-el-Arbi, suas indústrias e seus costumes não lembram em nada a cultura destes últimos. Essa civilização não pode ter vindo da Europa, já que é anterior aos inícios da navegação nos estreitos de Gibraltar e da Sicília. Somos tentados a crer numa origem oriental; talvez provenha, mais precisamente, do norte do Sudão nilótico, como sugere J. Tixier. Sob a pressão das vagas migratórias posteriores, os ibero-maurusienses provavelmente se refugiaram nas montanhas, podendo-se supor que tenham constituído uma das componentes antropológicas do povoamento dos *djebel* (cordilheiras).

Por volta de 7000 antes da era cristã⁶ aparecem homens de estatura bastante alta, de raça mediterrânica mas não isentos de caracteres negróides⁷. São os chamados capsenses, denominação derivada do sítio epônimo de Capsa (Gafsa). Embora sua área de ocupação não esteja exatamente definida, sabe-se que viviam em territórios do interior, e que não atingiram, ao que parece, a extremidade ocidental da África do Norte nem o Saara meridional. Estabeleciam-se no topo de colinas ou em vertentes próximas a fontes de água ou, mais raramente, espalhavam-se por planícies lacustres ou pantanosas; alimentavam-se principalmente de caracóis. Trata-se igualmente de uma civilização vinda do leste, que só pode ter-se propagado através da navegação; seu termo deve ser fixado em torno de — 4500. Embora os crânios capsenses sejam idênticos aos de várias populações atuais, acredita-se que os verdadeiros protoberberes só tenham surgido no decorrer do Neolítico, uma vez que os costumes funerários capsenses não parecem ter sobrevivido no mundo líbico-berbere⁸. Deve-se, contudo, notar que a utilização e a decoração dos ovos de avestruz, características do *Capsian way of life*, na enérgica expressão de Camps-Fabrer⁹, mantiveram-se durante o Neolítico até a época histórica entre as populações líbias. É o caso dos Garamantes, que, segundo Luciano (*Dips.* 2 e 6), utilizavam esses ovos para fins diversos, fato confirmado pelas escavações de Bu Njem, na Tripolitânia interior¹⁰. As populações neolíticas da África Menor podem sem dúvida ser consideradas “primas” dos capsenses. De qualquer modo, o povoamento histórico do Magreb resultou com certeza da fusão dos três elementos acima descritos — ibero-maurusiense, capsense e neolítico — em proporções ainda desconhecidas.

O Neolítico inicia-se, por convenção, com o aparecimento da cerâmica. Datações recentes por radiocarbono indicam que o emprego da cerâmica difundiu-se a partir do Saara central e oriental. Nessa área, o Neolítico mais antigo é o de tradição sudanesa. Os inícios da produção cerâmica podem ser fixados

⁵ BALOUT, L., 1967, p. 23.

⁶ CAMPS, G., 1974-d, op. cit., p. 265.

⁷ Note-se as reservas de CAMPS, G., 1974-d, op. cit., p. 159.

⁸ BALOUT, L., 1955, op. cit., pp. 435-7.

⁹ CAMPS-FABRER, H., 1966, p. 7.

¹⁰ Cf. REBUFFAT, R., IV, 1969-70, p. 12.

no VIII milênio, do Ennedi ao Hoggar¹¹, sendo seus artesãos povos negros ou negróides aparentados aos sudaneses do Early Khartoum. O boi foi domesticado provavelmente em torno de — 4000, o mais tardar, mas não é impossível que o tenha sido anteriormente no Acacus¹². O Neolítico de tradição capsense é um pouco mais tardio: tem início no Saara por volta de — 5350 (Fort Flatters)¹³, e pouco depois no vale do Saura, vindo a se afirmar na parte setentrional da área capsense somente por volta de — 4500. Na região situada entre essas duas correntes que afetam o “Magreb das terras altas e o Saara setentrional”, o Neolítico manifesta-se muito mais tardiamente. Uma influência européia só é admissível a partir do VI milênio da era cristã, no contexto de uma terceira civilização neolítica evidenciada nas costas do Marrocos e da Orania, embora se hesite em situar as origens da navegação do estreito de Gibraltar em época tão recuada (L. Balout¹⁴ concordaria em situar esse fato no IV milênio da era cristã).

O período úmido do Neolítico termina por volta de meados do III milênio, conforme atesta a datação do guano de Taessa, no Atakora (Hoggar)¹⁵. Os trabalhos de Arkell sobre a fauna e a flora fósseis dos sítios mesolíticos e neolíticos da região de Cartum confirmam, de certa forma, esses dados para o alto vale do Nilo. A partir dessa época a África do Norte, separada quase que totalmente do resto do continente por um deserto, só dispunha de comunicação fácil com a África subsaariana através do estreito corredor tripolitano. No entanto, essa severa ruptura da antiga unidade africana foi compensada por novas relações inauguradas precisamente a esta época nas duas asas do Magreb com o sul da península Ibérica, bem como com a Sicília, a Sardenha, Malta e o sul da Itália¹⁶.

Os fragmentos de cerâmica pintada encontrados em Gar Cahal, na região de Ceuta, assemelham-se, a partir do III milênio da era cristã, à cerâmica calcólítica de Los Hillares; pode-se, pois, supor a presença de contatos por via marítima¹⁷ remontando talvez ao IV milênio. A partir de — 2000, a Espanha importa marfim e ovos de avestruz, ao passo que vasos campaniformes de origem ibérica aparecem nas regiões de Ceuta e Tetuán. Em torno de — 1500, constata-se a presença de pontas de flecha de cobre ou bronze no oeste da África Menor, sem dúvida introduzidas pelos caçadores da península Ibérica; ao que parece, tais objetos não se difundiram para além da região de Argel. A metalurgia do bronze desenvolveu-se pouco na África do Norte, devido à carência de estanho na região. Na outra extremidade da África Menor, na

¹¹ Cf. HUGOT, H. J., 1963, p. 134, p. 138 e nota 3 p. 185. Sobre as datações recentes pelo carbono 14, cf. CAMPS, G., 1974-b, op. cit., p. 269.

¹² RESCH, W., 1967, p. 52; cf. também BECK, P. & HUARD, P., 1969, p. 193; MORI, F., 1964, pp. 233-41; MAITRE, J. P., 1971, pp. 57-8.

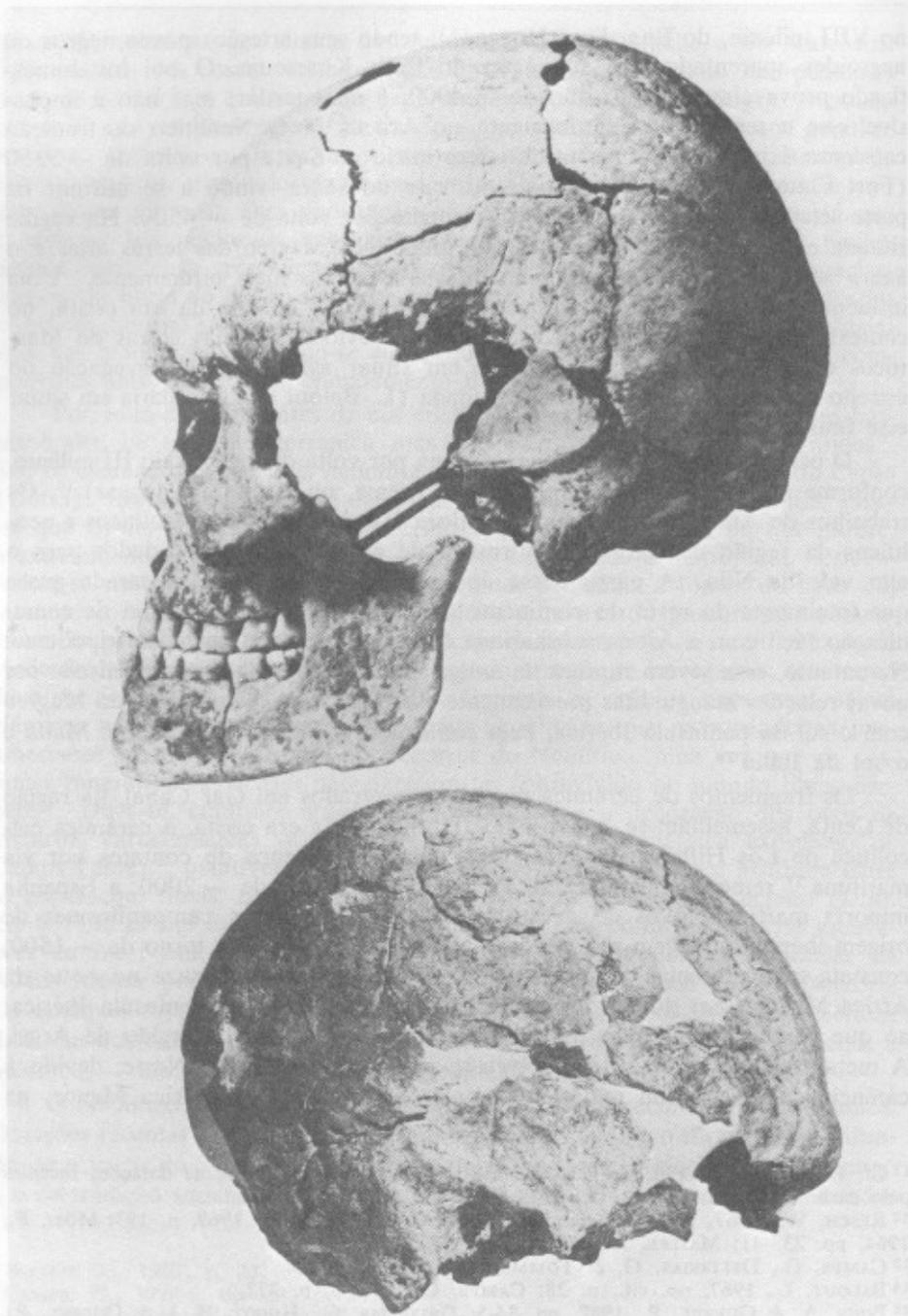
¹³ CAMPS, G., DELIBRIAS, G. & TOMMERET, J., 1968, p. 23.

¹⁴ BALOUT, L., 1967, op. cit., p. 28; CAMPS, G., 1974-b, p. 272.

¹⁵ PONS, A. & QUEZEL, P., 1957, pp. 34-5; DELIBRIAS, G., HUGOT, H. J. & QUEZEL, P., 1957, pp. 267-70.

¹⁶ CAMPS, G., 1960-a, pp. 31-55; 1961.

¹⁷ SOUVILLE, G., 1958-9, pp. 315-44.



1. Crânio de Columnata. No alto: *cranium norma lateralis*; embaixo: *calva norma lateralis dextra*. (Fonte: L. Balout. 1955. pr. VI, p. 79. Fotos de M. Bovis, Museu do Bardo, Argel, coleção Cadenat.)

área entre Korba e Bizerta, a presença de fragmentos de obsidiana proveniente das ilhas Liparis e trabalhada na Sicília e em Pantelaria atesta os começos da navegação no estreito da Sicília. G. Camps¹⁸ assinalou os numerosos empréstimos que a África Menor passou a fazer a partir de então de seus vizinhos europeus: os chamados *haouanet*, túmulos retangulares com corredor curto e vão igualmente retangular cavados nas falésias, já existiam na Sicília desde — 1300; os dolmens da Argélia e da Tunísia são de um tipo também encontrado na Sardenha e na Itália; a cerâmica de Castellucio — decorada com motivos geométricos em marrom ou preto sobre fundo mais claro —, comum na Sicília por volta de — 1500, anuncia a cerâmica cabila, etc. Influências de regiões mais distantes — Chipre ou Ásia Menor — passaram a transitar por Malta, Pantelaria e pela Sicília a partir do momento em que os navegadores egeus, depois fenícios, aportaram nessas ilhas. Assim, esse território da África do Norte inseriu-se como uma grande península no complexo mediterrânico muito antes da fundação de Cartago, recebendo, no entanto, influências de outras civilizações através do corredor da Tripolitânia. É o caso dos monumentos funerários com nicho e capela — nos quais talvez se praticasse o ritual da incubação —, freqüentes nas encostas meridionais do Atlas durante a Antigüidade remota; o túmulo de Tin Hinan é uma variante desse tipo de monumento¹⁹.

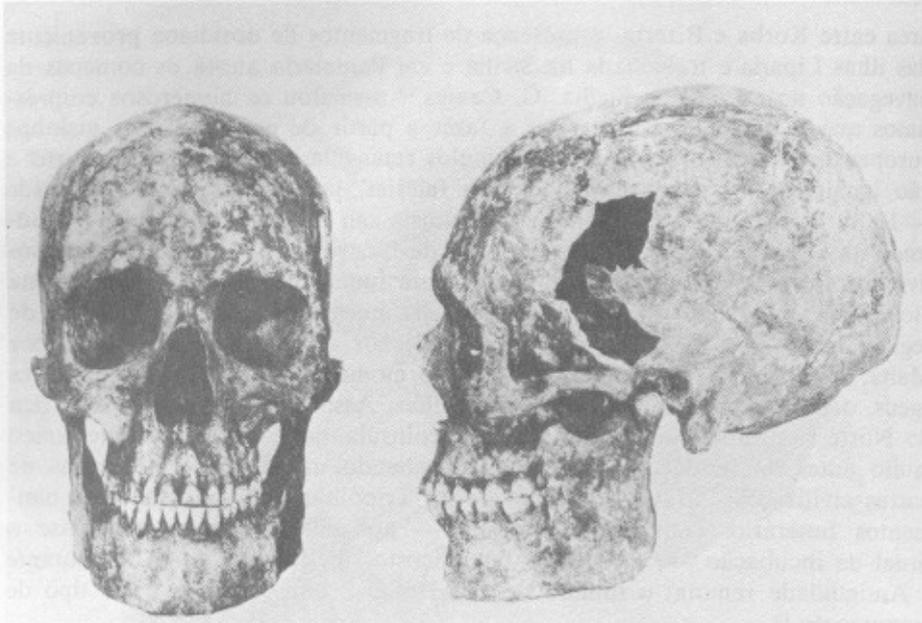
É necessário salientar a grande originalidade da África Menor nas costas do continente africano: resulta a um tempo do dessecamento do Saara e do surgimento da navegação. No entanto, essa região não perdeu de todo o contato com a “África profunda”. Embora o clima da África do Norte durante a Antigüidade fosse análogo ao atual, as elevações da orla do deserto permaneceram por muito tempo mais úmidas e arborizadas²⁰, com um lençol freático menos profundo permitindo um aprovisionamento de água mais fácil e, portanto, a utilização do cavalo para as viagens através do Saara. No Fezzan, notadamente, subsistiram durante longo tempo afloramentos lacustres do lençol freático; Plínio, o Velho (*H.N.* XXXI, 22), menciona o lago salgado Apuscidamo (= *apud Cidamum*) e al-Bakri (*Description de l'Afrique Septentrionale*, trad. de Slane, p. 116) refere-se à presença de pântanos entre Nefzaoua e Gadames. A presença de homens de pele escura — que os gregos chamarão “etíopes”, isto é, “faces queimadas” — na maior parte dos oásis do Saara, no Fezzan e ao longo da vertente saariana do Atlas durante a Antigüidade, em contato com o mundo líbico-berbere, pode ser considerada como uma lembrança viva da unidade africana original²¹. Levavam uma existência pacífica

¹⁸ CAMPS, G., 1974-d, op. cit., p. 206.

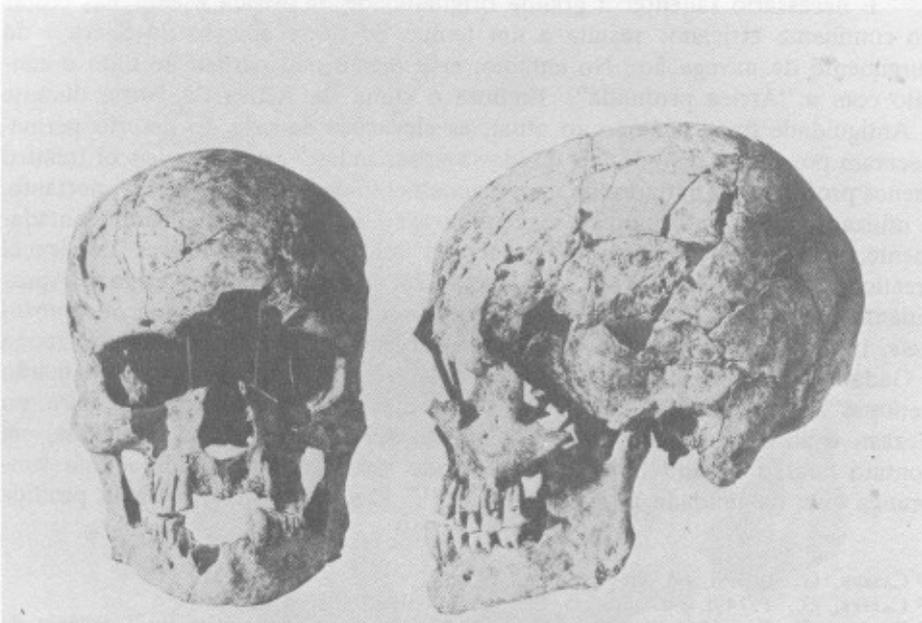
¹⁹ CAMPS, G., 1974-d, op. cit., pp. 207 e 568; 1965, pp. 65-83.

²⁰ BUTZER, K. W., 1961, p. 48, crê numa ligeira melhora climática no I milênio da era cristã; opinião contrária à de QUEZEL, P. & MARTINEZ, C., 1958, p. 224, que estimam que a aridificação foi constante a partir de — 2700.

²¹ Sobre os etíopes da África do Norte, cf. GSELL, S., 1913-28, I, pp. 293-304. Sobre o conceito de “etíope” (o termo já aparece nas tábulas de Pílos sob a forma ai-ti-jo-qa), cf. SNOWDEN, F. M., 1970, pp. 1-7 e 15-6, bem como as observações de DESANGES, J., 1970, pp. 88-9.



2



3

2. Homem de Champlain: crânio ibero-maurusiense. À direita, *norma lateralis sinistra*; à esquerda, *norma facialis*. (Fonte: L. Balout. *Les hommes préhistoriques du Maghreb e du Saara*. 1955, pr. VIII, p. 90. Fotos de M. Bovis, Museu do Bardo, Argel.)
3. Crânio de homem capsense. À direita, *norma lateralis sinistra*; à esquerda, *norma facialis*. (Fonte: L. Balout. pr. X, p. 110. Fotos de Delorme, Museu do Bardo, Argel.)

consagrada não só à coleta e à caça, mas também à agricultura, fundada em métodos de irrigação muito antigos ²².

Seria um erro, certamente, imaginar um Saara completamente dominado pelos etíopes durante o Neolítico e à época proto-histórica, mesmo tendo-se o cuidado de restituir à palavra “etíope” o sentido geral de “homem de cor”, sem, contudo, traduzi-la por “negro”. Em publicação recente, M. C. Chamla ²³ acredita ter estabelecido que apenas a quarta parte dos esqueletos desse período poderiam ser de negros, ao passo que mais de 40% não apresentam nenhum traço negróide; no entanto, os restos do esqueleto de uma criança descobertos no depósito de um abrigo sob rocha de Acacus ²⁴ e datado de 3446 ± 180 pertencem a um negróide. Despojos de negros não são raros nas necrópoles púnicas; havia auxiliares negros no exército de Cartago ²⁵ que certamente não eram nilotas. Segundo Diodoro ²⁶, no final do século IV antes da era cristã um tenente de Agátocles (Tunísia do norte) submeteu uma população cuja pele era semelhante à dos etíopes. Durante toda a época clássica, numerosos são os testemunhos a atestar a presença de “etíopes” nos confins meridionais da África Menor. São mencionados igualmente povos de raças intermediárias — melano-getulos ou leuco-etíopes — notadamente na obra de Ptolomeu (*Geografia*, IV, 6, 5) ²⁷.

Os próprios Garamantes eram por vezes considerados “ligeiramente pretos” ou mesmo negros. São “ligeiramente pretos” em Ptolomeu, I, 9, 7 ²⁸, e “mais parecidos com etíopes” em Ptolomeu, I, 8, 5 ²⁹. Um escravo garamante é descrito como tendo um corpo “cor de breu” (*Anthologia Latina*, A. Riese) ³⁰. Uma pesquisa antropológica realizada nas necrópoles desse povo veio confirmar seu caráter racial compósito ³¹; a afirmação de que os esqueletos negróides eram de escravos revela preconceito e precipitação, sendo arbitrário considerar que, num total de quatro, apenas dois grupos de esqueletos (os de indivíduos de raça branca) representam os Garamantes da Antigüidade.

Essas populações de cor não parecem ter nenhum parentesco com a maior parte dos atuais habitantes das margens do Senegal e do Níger. Trata-se de um grupo étnico original hoje recoberto, em grande parte, pelo elevado número de africanos ocidentais trazidos pelo tráfico medieval de escravos. S. Gsell ³², seguindo Collignon, descreve o “etíope” da Antigüidade — baseando-se na

²² Sobre a irrigação e o cultivo nos oásis do sul da Tunísia, cuja população era em parte “etíope”, cf. PLÍNIO, o ANTIGO, *H.N.*, XVIII, 188 e BAKRI, p. 116. Sobre a importância dos canais subterrâneos (*foggaras*) dos Garamantes, população mista, cf. DANIELS, C., 1970, p. 17. Há reservas, contudo, da parte de LHOÏE, H., 1967, pp. 67-78, que acredita que a coleta foi, durante muito tempo, a principal fonte de recursos desses “etíopes”.

²³ CHAMLA, M. C., 1968.

²⁴ SATIN, F., 1964, p. 8.

²⁵ Por ocasião da campanha da Sicília, em — 480 (FRONTINO, ed. 1888, I, pp. 11, 18).

²⁶ DIODORO, XX, 57-5.

²⁷ PTOLOMEU, ed. 1901, pp. 743-5.

²⁸ PTOLOMEU, ed. 1901, p. 25.

²⁹ PTOLOMEU, ed. 1901, p. 21.

³⁰ RIESE, A., 1894, pp. 155-6.

³¹ SERGI, S., 1951.

³² GSELL, S., 1913-28, v. I, p. 294.

descendência que teriam deixado nos oásis do sul da Tunísia — da seguinte maneira:

“Estatura acima da média, crânio longo e estreito com o topo projetado para trás, testa oblíqua, arcadas superciliares salientes, pômulos pronunciados a partir dos quais a face se alonga em triângulo, nariz profundamente reentrante, curto e arrebicado, mas não chato; boca grande com lábios grossos, queixo fugidio; ombros largos e quadrados, tórax em tronco de cone invertido, bastante estreito sob a bacia. A pele é muito escura, de cor castanho-avermelhada; e os olhos, negros; os cabelos, poucos crespos, têm a cor do azeviche”.

Trata-se, como se vê, de um tipo bastante próximo de certos nilotas; no entanto, as características físicas desses pastores de bovídeos, ancestrais dos etíopes do Saara, estão longe de ser uniformes. Alguns dentre eles, segundo H. Lhote e G. Camps³³, lembram os Peul atuais; outros se assemelham aos Tubu. H. von Fleischhacher³⁴ crê na presença de khoisanidas no interior deste grupo, bem como de descendentes de um *Homo sapiens* indiferenciado (nem negro nem branco) vindo da Ásia.

Líbico-berberes (mouros e númidas no litoral; getulos nos planaltos), saarianos brancos ou mestiços da orla do deserto (farúsios, nigritas ou garamantes, “etíopes” espalhados por toda a região entre o Sous e o Djerid), tais são os povos da África Menor à época das primeiras navegações fenícias e durante toda a Antigüidade.

Os protoberberes em suas relações com os egípcios e os Povos do Mar

No curso do II milênio, as fontes da história da Líbia — inscrições e representações — são essencialmente egípcias e dizem respeito às populações líbias em contato com o Egito³⁵, as quais, antes da unificação do vale do Nilo, povoavam a parte noroeste do Delta.

Na época pré-dinástica, por volta de meados do IV milênio, os relevos esculpidos no cabo de marfim da faca de Djebel-el-Arak já representariam, talvez, líbios de longos cabelos tendo por única vestimenta um cinto a sustentar o estojo fálico. Essa interpretação foi, contudo, contestada, só se podendo estar certo da identidade dos líbios quando aparece a primeira denominação egípcia desse povo, *Tehenu*. Segundo W. Hölscher³⁶, esse nome aparece sobre um fragmento de paleta de xisto pertencente ao rei Escorpião, depois em um cilindro de marfim de Hieracômpolis, da época de Narmer (início do III milênio), representando o butim e os prisioneiros do faraó. Mas as informações mais valiosas sobre o aspecto físico e as vestimentas dos Tehenu nos foram legadas por um baixo-relevo do templo mortuário de Sahrue (V dinastia, *circa* — 2500).

São homens de grande estatura, perfil agudo e lábios grossos, com barbas cerradas e um penteado característico — espessa madeixa sobre a nuca, mechas laterais prolongando-se até os ombros, pequeno topete erguido sobre a testa.

³³ LHOTE, H., 1967, p. 81; CAMPS, G., 1970, pp. 39-41.

³⁴ FLEISCHHACHER, H. von, 1969, pp. 12-53.

³⁵ Cf. GADALLAH, F. F., 1971, pp. 43-75.

³⁶ HÖLSCHER, W., 1955, p. 12.

Seu vestuário compreendia, além do cinto e do estojo fálico já mencionados, largas faixas que passavam por sobre os ombros e se cruzavam no peito, bem como colares ornados com pingentes. Durante o III milênio esse povo habitava o deserto da Líbia e seus oásis.

Sob a VI dinastia, em torno de 2300 antes da era cristã, faz-se menção aos *Temehu*; não se trata de uma ramificação dos Tehenu, como imaginava O. Bates³⁷, mas de um novo grupo étnico, de pele mais clara e olhos azuis, com um percentual de loiros não negligenciável³⁸. Vestidos de mantos de couro, têm frequentemente um ombro nu. De acordo com o relato da terceira viagem de Herkhuf, habitavam, ao que parece, um território vizinho à Baixa Núbia, que devia abranger o Grande Oásis (Kharga)³⁹. Sugeriu-se identificá-los com a população do Grupo C instalada na Núbia sob o Médio Império e início do Novo Império⁴⁰, hipótese reforçada pela semelhança entre a cerâmica desse grupo e a cerâmica encontrada em Uadi Howar, 400 km a sudoeste da Terceira Catarata⁴¹.

Os *Temehu* eram, ao que parece, muito belicosos; os faraós do Médio Império foram por diversas vezes obrigados a combatê-los. Sob o Novo Império são freqüentemente representados, distinguindo-se pela trança pendente diante da orelha e recurvada sobre os ombros; muitas vezes trazem plumas nos cabelos e ostentam tatuagens. Têm como armas o arco e a flecha e, por vezes, a espada e o bumerangue. Heródoto assinala todas essas características ao descrever os líbios das Sirtes; é possível, pois, admitir que os *Temehu* tenham sido os ancestrais dos líbios que os gregos conheceram na Cirenaica. Não se pode, contudo, aceitar a audaciosa hipótese de G. Möller⁴², que os identifica aos Adirmáquidas, vizinhos imediatos do Egito segundo Heródoto (IV, 168), ainda que estes últimos tenham ocasionalmente ocupado os oásis meridionais, e que Sílio Itálico (*Punica*, IX, 223-225) os descreva como povos ribeirinhos do Nilo semelhantes aos núbios. Segundo o mesmo autor (*Punica* III, 268-269), o corpo dos Adirmáquidas seria enegrecido pelo sol como o dos núbios, indicação que os aproximaria dos Adirmáquidas da Baixa Núbia, vizinhos dos *Temehu*, mas que não se aplicaria a estes últimos, de pele clara. Levantou-se a hipótese de que teriam estado em Kawa⁴³.

As empresas dos *Temehu* tornaram-se mais perigosas durante a XIX dinastia. Em — 1317 foram rechaçados por Séti I, após o quê Ramsés II organizou uma linha de defesa ao longo do litoral mediterrânico até el-Alamein, tendo incorporado contingentes líbios ao exército egípcio⁴⁴. O primeiro documento

³⁷ BATES, O., 1914, p. 46.

³⁸ MÖLLER, G., 1924, p. 38; HÖLSCHER, W., op. cit., p. 24.

³⁹ BATES, O., op. cit., pp. 49-51.

⁴⁰ BATES, O., op. cit., p. 249, nota 3 e p. 251; para o vocabulário, cf. VYČIHL, W., 1961, pp. 289-90.

⁴¹ HÖLSCHER, W., op. cit., pp. 54-7; ARKELL, A. J., ed. 1961, pp. 49-50; reservas de TRIGGER, B. G., 1965, pp. 88-90.

⁴² MÖLLER, G., op. cit., p. 48; refutação filológica de HÖLSCHER, W., op. cit., p. 50.

⁴³ Cf. MACADAM, M. F. L., 1949, vol. 1, p. 100.

⁴⁴ BRINTON, J. Y., 1942, vol. 35, pp. 78-81, 163-5 e pr. XX, fig. 4; ROWE, A., 1948, pp. 6 e 7, fig. 4; sobre as seis novas estelas — representando cenas da vitória de Ramsés II sobre os líbios — descobertas em Zawyet e Rackam por Labib Habachi, cf. LECLANT, J., 1954, p. 75 e pr. XVIII.

a mencionar os Libu é a estela de el-Alamein, em que é narrada a ocupação da região por Ramsés II. O termo *Líbia*, derivado de *libu*, foi usado pelos gregos inicialmente para designar a área de movimentação desse povo, aplicando-se em seguida, paulatinamente, a toda África. Em —1227, no reinado de Merneptah, são mencionados os Mashwesh (ou Meshwesh), vizinhos ocidentais dos Libu⁴⁵. Os Libu, com os Mashwesh, parecem fazer parte do grupo mais geral dos Temehu⁴⁶; entretanto, as representações figuradas mostram que os Mashwesh usavam o estojo fálico (sem dúvida por serem circuncidados) e os Libu, a tanga. Após terem ocupado os oásis de Baharieh e Farafra, as tribos coligadas foram vencidas pelos egípcios a noroeste de Mênfis. Uma inscrição do templo de Carnac assinala a presença de diversos povos do norte nas costas líbias: Akaiwesh, Toursha, Shardanes e Shakalesh. Pertenciam ao grupo dos Povos do Mar, que então devastavam a Palestina. Sua aparição no oeste do Egito é inesperada; por vezes se supôs que a inscrição de Carnac confundia as duas campanhas, quase contemporâneas, empreendidas a leste e a oeste do Delta⁴⁷, ou que esses contingentes nórdicos não passavam de mercenários que haviam desertado do exército egípcio.

As duas guerras egípcio-líbias mais conhecidas datam do reino de Ramsés III, em —1194 e —1188. São narradas pelo grande Papiro Harris e pelas inscrições e baixos-relevos do templo funerário de Ramsés III em Medinat-Habou. Os Libu e posteriormente os Mashwesh tentaram, em vão, romper a resistência egípcia no Nilo, sendo sucessivamente vencidos. Inúmeros prisioneiros viram-se incorporados ao exército do faraó, e suas qualidades militares foram tão apreciadas que ao fim do Novo Império os oficiais líbios tinham adquirido uma influência preponderante. Entre os líbios combatidos por Ramsés III estão os Esbet e os Beken; sentimo-nos tentados a aproximar essas etnias dos Asbitas (ou Asbistas) e dos Bakales (Barceus) mencionados por Heródoto (IV, 170, 171), mas a leitura *Esbet* é discutível⁴⁸, o que torna a aproximação bastante frágil. Por outro lado, é pouco racional a identificação dos Mashwesh com os Maxues de Heródoto (IV, 191), sedentários estabelecidos na Tunísia⁴⁹.

As vitórias de Ramsés II tiveram, entre outras, uma conseqüência importante: permitiram-lhe controlar os oásis ocidentais onde se difundiu o culto de Âmon de Tebas. Esse culto implantou-se particularmente no oásis de Siwa,

⁴⁵ WAINWRIGHT, G. A., 1962, pp. 89-99. Quanto aos nomes dos chefes libu e mashwesh, cf. YOYOTTE, J., 1958, p. 23. Este autor considera os Libu mais próximos do Delta. CHAMOUX, F., 1953, p. 55, os situa, ao contrário, a oeste dos Mashwesh, erroneamente em nossa opinião. A Líbia, *stricto sensu*, permanece a região vizinha de Mareótiis, cf. PTOLOMEU, ed. 1901, op. cit., pp. 696-8; os Libu devem, pois, ter-se estabelecido nas proximidades do Egito. Sobre o destino posterior dessas populações, cf. YOYOTTE, J., 1961, pp. 122-51.

⁴⁶ HÖLSCHER, W., 1955, op. cit., pp. 47-8.

⁴⁷ CHAMOUX, F., op. cit., p. 52.

⁴⁸ GAUTHIER, H., 1927, vol. 1, pp. 104 e 217; LECLANT, J., 1950-b, p. 338; HÖLSCHER, W., 1955, op. cit., p. 65, nota 2. Essa leitura lembra os Isebeten dos contos tuaregues, cf. VYČIHL, W., 1956, pp. 211-20.

⁴⁹ Ver as reservas justificadas de GSELL, S., 1913-28, I, p. 354; idem, 1915, pp. 133-4.

conquistando depois a Tripolitânia⁵⁰ através das “rotas da sede” e indo influenciar, à época púnica, o culto do deus Baal-Hamon⁵¹, seu quase homônimo.

Tais são os primeiros testemunhos a nos informar sobre os líbios na extremidade oriental de sua área de implantação. Convém notar que um contato entre os Povos do Mar e os líbios só é mencionado uma vez sob o reinado de Merneptah, em — 1227, por uma inscrição de Carnac, que pode, aliás, resultar de um amálgama de várias campanhas⁵². Mas, admitindo-se a presença de destacamentos de Povos do Mar entre os líbios, uma questão se coloca: teriam sido esses povos os responsáveis pela transmissão do uso de carros aos líbios (inicialmente nas proximidades do Egito, depois em todo o Saara)?

Esse tese é sustentada por excelentes estudiosos do Saara⁵³; no entanto, poucas são as semelhanças entre as representações de carros do Egeu e as do Saara, como muito bem demonstraram G. Charles-Picard⁵⁴, arqueólogo da Antigüidade clássica, e J. Spruytte⁵⁵, especialista em cavalos. Os carros do Saara são vistos da perspectiva do cavaleiro e não de perfil. A plataforma não é sobrelevada, assentando-se sobre o centro do eixo a uma boa distância das rodas, o que limita a capacidade de carga a praticamente um ocupante; este tem entre as mãos uma espécie de martelo, e não uma arma. Os cavalos, barbos as mais das vezes, atrelados por jugos aplicados à nuca, e não à cernelha, são certamente representados em extensão (“galope voador”), mas seus jarretes e joelhos não são figurados. Aliás, o “galope voador” dos documentos do Egeu não diz respeito à atitude dos cavalos atrelados. Os carros saarianos revestem-se, assim, de grande originalidade; trata-se de veículos “esportivos” bastante frágeis.

Assim, seria talvez conveniente dissociar os carros saarianos dos carros de guerra utilizados, na Antigüidade, pelos adversários de Ramsés III e posteriormente pelos Garamantes (carros puxados por quatro cavalos), Asbitas, Zoécios, líbios vizinhos de Cartago a serviço de Agátocles, Farúsios e Nígritas. A

⁵⁰ LECLANT, J., 1950-b, pp. 193-233; REBUFFAT, R., 1970, pp. 1-20; sobre o culto de Âmon nos arredores das Sirtes, cf. GSELL, S., op. cit., vol. IV, p. 286.

⁵¹ LEGLAY, M., 1966, pp. 428-431, não acredita que o Âmon de Siwa tenha servido de intermediário entre o Âmon de Tebas e Baal-Hamon; segundo esse autor, os líbico-berberes da África Menor teriam recebido influências egípcias numa época anterior à fundação do santuário de Siwa. O culto do Baal-Hamon cartaginês ter-se-ia, assim, superposto ao culto local do carneiro já assimilado ao Âmon egípcio.

⁵² Fenômeno semelhante ocorre com as representações de Médinat-Habou, onde estão misturados os assaltos dos líbios (— 1194 e — 1188) e a invasão dos Povos do Mar (— 1191). Cf. DRIOTON, E. & VANDIER, J., 1962, pp. 434-436.

⁵³ PERRET, R., 1936, pp. 50-1.

⁵⁴ CHARLES-PICARD, G., 1958-a, p. 46. Note-se, contudo, que embora as observações desse autor sobre a originalidade da iconografia do carro no Saara sejam inteiramente judiciosas, a tese de sua autoria, segundo a qual essa iconografia teria sofrido a influência da arte imperial romana, é inaceitável, como salientaram CAMPS, G., 1960-b, p. 21, nota 46, e LHOE, H., 1953, pp. 225-38. Os líbios utilizaram carros — de Sirtes ao sul do Marrocos — desde a época de Ramsés III até o período registrado por DIODORO, XX, 38, 2 e ESTRABÃO, XVII, 3, 7, que dependem de fontes anteriores ao Império Romano, cf. BATES, O., 1914, op. cit., p. 149.

⁵⁵ SPRUYTTE, J., 1968, p. 32-42.

tese de W. Hölscher⁵⁶, segundo a qual os líbios teriam emprestado o uso do carro dos egípcios — que o vinham utilizando desde a invasão dos hicsos, isto é, há quatro ou cinco séculos — é mais verossímil que a hipótese de uma transmissão pelos Povos do Mar. A origem dos carros saarianos permanece desconhecida; inteiramente em madeira e de concepção bastante simples, poderiam ter sido produzidos segundo técnicas originais⁵⁷. De resto, o cavalo barbo (mongol), de pequena estatura, linha entre a testa e o focinho convexa, dorso proeminente, espinha dorsal com cinco vértebras lombares e garupa em declive não poderia provir do cavalo árabe-oriental, de perfil retilíneo, utilizado tanto pelos hicsos quanto pelos egeus⁵⁸. Talvez tenha-se difundido a partir da África oriental e do Sudão⁵⁹. É de se notar a presença de representações do cavalo árabe-asiático nos rupestres saarianos e nas figurações da época romana no interior do *limes*, muito embora sejam elas bastante raras⁶⁰. Todavia, mesmo admitindo-se que não se trata, nos casos acima, de imagens estilizadas alheias às realidades africanas, permanece verdadeiro o fato de o cavalo barbo ter sido a espécie dominante na África Menor até a chegada dos árabes.

Embora se possa admitir que o uso da espada longa foi transmitido pelos Povos do Mar, parece que essa arma não gozou de grande difusão⁶¹. Como se vê, a influência dos Povos do Mar sobre a civilização líbia não foi, ao que parece, tão importante quanto proclamam muitos eruditos. A influência egípcia, por outro lado — favorecida por afinidades étnicas no Delta da época pré-histórica —, não deve ser negligenciada, mesmo se sua difusão é ainda mal conhecida.

A vida dos berberes antes da fundação de Cartago

Não foram os fenícios os responsáveis pela transmissão da agricultura aos líbico-berberes, como muito acertadamente salientaram H. Basset⁶² e G. Camps⁶³: estes a praticavam desde o fim do Neolítico. A hipótese de que os cananeus teriam introduzido a agricultura na África Menor parece bastante arrojada. Gravuras e pinturas da Idade dos Metais representam, de maneira mais ou menos esquemática, arados em La Cheffia (leste de Constantina) e no alto

⁵⁶ HÖLSCHER, W., 1955. op. cit., p. 40; CAMPS, G., 1961, p. 406, nota 3. Sob Ramsés III, é impossível distinguir a representação de um carro líbio da de um carro egípcio, cf. MÜLLER, W. M., 1910, p. 121.

⁵⁷ SPRUYTTE, J., 1967, pp. 279-81. No entanto HUARD, P. & LECLANT, J., 1972, pp. 74-5, supõem que os carros dos eqüidianos do Saara nasceram da imitação dos carros egípcios, mas teriam-se tornado rapidamente veículos de esporte e prestígio, segundo um processo ainda desconhecido.

⁵⁸ SPRUYTTE, J., 1968, op. cit., pp. 32-3. As acertadas observações do autor conduzem, no entanto, a uma hipótese pouco verossímil: o cavalo barbo teria provindo da Espanha ou até mesmo do sudoeste da França, em épocas remotas, através do estreito de Gibraltar.

⁵⁹ BECK, P. & HUARD, P., 1969, p. 225.

⁶⁰ ESPÉRANDIEU, G., 1957, p. 15.

⁶¹ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., p. 112 e notas 371-3.

⁶² BASSET, H. 1921, p. 340 et seq.

⁶³ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., p. 69 et seq.

Atlas⁶⁴; a oeste de Tebessa, na região do Douar Tazbent, há vestígios de uma instalação hidráulica primitiva — hoje um simples quadriculado — muito anterior à época dos reinos indígenas. Os utilizadores dessas instalações dispunham de um instrumental ainda parcialmente lítico.

Antes da introdução na África Menor do arado fenício com relha de ferro triangular, os berberes já se utilizavam de um tipo de arado de invenção autóctone, menos eficaz, que consistia em uma simples lâmina arrastada sobre o solo⁶⁵. Esse instrumento deve ter posto termo ao uso exclusivo da enxada, dado que os Guanchos, utilizadores desta última, não conheceram o arado. Parece que de início os agricultores líbios puxavam eles mesmos o arado por meio de cordas passadas em torno dos ombros; no entanto, há muito conheciam a atrelagem de bois, representada tanto nos afrescos egípcios como nas gravuras do alto Atlas. Em contrapartida, não parecem ter empregado dispositivos mecânicos para a debulha⁶⁶, contentando-se em fazer com que o gado graúdo pisoteasse os campos.

Os botânicos demonstraram que o trigo durazio (proveniente, talvez, da Abissínia) e a cevada⁶⁷ já existiam na África do Norte muito antes da chegada dos fenícios; é o caso, igualmente, da fava e do grão-de-bico⁶⁸, ainda que este último tenha seu nome berbere *ikiker* derivado do latim *cicer*.

No campo da arboricultura observa-se, ao contrário, uma influência fenício-púnica decisiva. Os berberes possivelmente já sabiam enxertar o oleastro muito antes que os cartagineses difundissem a cultura da oliveira; por outro lado, não há indícios de que a vinha — presente desde o início do Quaternário na região de Argel — tenha sido cultivada antes da chegada dos fenícios. Os berberes pré-saarianos — como os Nasamonos mencionados por Heródoto (IV, 172, 182) e os “etíopes” — exploravam a tamareira, menos freqüente nos limites da África Menor do que atualmente. Mas era o figo a fruta berbere por excelência⁶⁹, ainda que Catão, o Antigo, tenha exibido um figo fresco em Roma para simbolizar a destruição de Cartago.

A arqueologia dos monumentos funerários confirma a presença, na Antigüidade remota, de grandes grupos de sedentários que praticavam a agricultura na África Menor. A datação dos monumentos proto-históricos é particularmente difícil nessa região, pelo fato de a cerâmica berbere ser muito conservadora; seja como for, considerar-se-á como representativo da “vida pré-cartaginesa” dos berberes o material recolhido nas necrópoles do período pré-romano remoto, isentas de influências cartaginesas, à falta de evidências que possam ser datadas com relativa precisão.

Essa mobília funerária testemunha a grande antigüidade da “civilização rural berbere”, como salientou G. Camps⁷⁰. Segundo o estudioso, um mapa da

⁶⁴ BOBO, J. & MOREL, J., 1955, pp. 163-81; MALHOMME, J., 1953, pp. 373-85.

⁶⁵ CAMPS, G., 1960-b, pp. 82-3, com uma bibliografia na p. 82, nota 287.

⁶⁶ Sobre o *plastellum poenicum*, originário da Palestina e da Fenícia, cf. KOLENDO, J., 1970, pp. 15-6.

⁶⁷ ERROUX, J., 1957, pp. 239-53.

⁶⁸ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., p. 80.

⁶⁹ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., p. 90.

⁷⁰ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., pp. 96-7, 101-4 e 107-11.

distribuição das necrópoles proto-históricas portadoras de cerâmica dá uma idéia bastante clara da área de extensão da agricultura. É notável que os *tumuli* do sul da África Menor — assim como das porções do Saara entre Zahrez e Hodna, ou ainda do Marrocos oriental, entre Muluya e a fronteira da Argélia — não forneçam cerâmica. Pelo estudo das formas da cerâmica, G. Camps pôde chegar a algumas conclusões quanto ao modo de vida dos líbico-berberes da época. A tipologia está bastante próxima da que caracteriza a cerâmica atual: tigelas, bacias e cálices para líquidos e sopas, pratos mais ou menos fundos, travessas semelhantes às usadas atualmente para o cozimento do pão não-fermentado, biscoitos ou panquecas; uma espécie de compoteira com pé também é atestada, da Proto-História à época atual. A presença de perfurações prova que desde a Antiguidade remota os berberes penduravam seus utensílios nas paredes. Em contrapartida, os vasos de filtrar em cerâmica não encontraram correspondentes modernos; G. Camps imagina que talvez servissem para a filtragem do mel ou para a decocção de tisanas.

A arqueologia indicou, ainda, que os nômades dos sítios meridionais se enfeitavam, mais do que os sedentários, com braceletes, pingentes de metal ou de contas de cornalina, e carregavam armas ornamentais. Restos de tecido atestam o uso de faixas de cores alternadas. As vestimentas de couro são representadas com freqüência nas pinturas rupestres do Saara, confirmando as informações de Heródoto (IV, 189). Gravuras rupestres próximas a Sigus indicam o uso do burnu, o que pode vir a explicar as lendas sobre homens acéfalos ou com a cabeça embutida no peito; os Blêmios do deserto arábico também o vestiam.

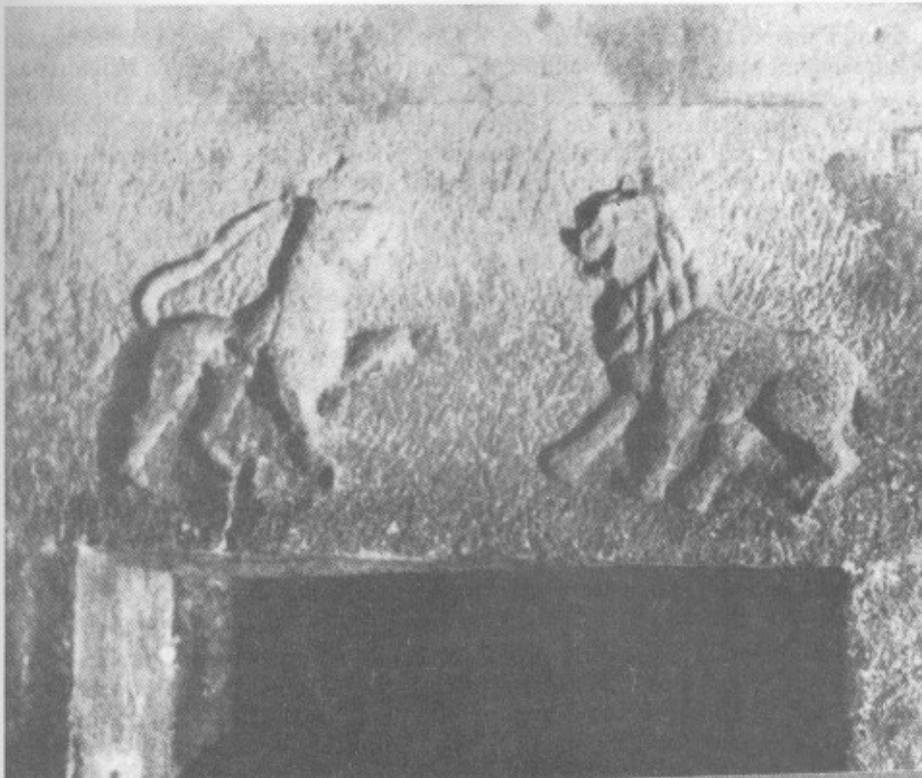
Númidas e mouros tinham como armas azagaias de ferro longas e estreitas e facas de caçador; os sedentários, por outro lado, raramente eram enterrados com suas armas, ao contrário das populações mais meridionais. As populações "etíopes" ou mistas (Nígritas e Farúsios principalmente) armavam-se de arco e flecha, conforme relata Estrabão (XVII, 3, 7). Plínio, o Velho (*H.N.*, VI, 194), menciona uma população do deserto "acima" de Sirtes Maior, os Longompori, termo transcrito do grego que significa "portadores de azagaias".

A principal riqueza dos nômades era a criação de ovinos, caprinos e bovinos. Uma cena de ordenha está gravada em Djorf Torba, a oeste de Colomb Bechar⁷¹, numa região hoje totalmente deserta. Segundo Aelianus (*N.A.*, VII, 10, 1), os cães desempenhavam, entre esses nômades, o papel de escravos, já que a escravidão humana não era conhecida; a mesma observação é feita para os trogloditas do mar Vermelho e para os etíopes dos pântanos do Nilo. Outros etíopes, ao contrário, faziam de um cão o seu rei, ainda segundo Aelianus (*N.A.*, VII, 40; a fonte parece ser Aristocreonte). A caça era, naturalmente, uma atividade bastante praticada; Ptolomeu menciona a presença de caçadores *Oreipaei* — vizinhos dos etíopes Nibgenitas que erravam pelo sul de Djerid⁷² — no sul da Tunísia, nos confins da Etiópia.

A organização social dos líbico-berberes em épocas anteriores aos testemunhos das fontes clássicas é pouco conhecida, pelo menos não se levando em conta as reconstituições recorrentes a partir de testemunhos posteriores. As im-

⁷¹ CAMPS, G., 1960-b, op. cit., p. 115 e fig. 13, p. 116.

⁷² DESANGES, J., 1962, pp. 89-90, 129, 228-9. Os *oreipaei/eropaei* são talvez os ancestrais dos rebâya, de pele escura.



4. Leões de Kbor Roumia. (Fonte: M. Christofle. *Le tombeau de la chrétienne*. 1951. fig. 102, p. 124.)

ponentes proporções dos aterros do Rharb, no Marrocos, ou do mausoléu do Medracen, na região de Constantina, são indícios da constituição de monarquias, tanto a leste quando a oeste do Magreb independente de Cartago, a partir do século IV. Nada mais se pode afirmar sobre o assunto; o brilhante quadro da organização social dos líbios elaborado por S. Gsell apóia-se, em geral, em documentos romanos da época imperial (até mesmo no testemunho do poeta Coripo, contemporâneo de Justiniano).

As idéias religiosas dos líbico-berberes

É bastante difícil apreender as idéias religiosas dos líbico-berberes em épocas anteriores ao impacto fenício-púnico e, mais tarde, romano. De fato, a arqueologia proto-histórica não nos permite ir além da reconstituição de rituais, sendo essa possibilidade limitada, no que concerne à África Menor, ao domínio funerário⁷³. Assim, é preciso mais uma vez recorrer ao testemunho dos autores clássicos e perscrutar as inscrições do período romano, sem saber se os usos ali atestados remontam à época remota que é objeto deste capítulo. *A fortiori*, é sempre arriscado projetar no passado as sobrevivências pré-islâmicas que se crê reconhecer nas sociedades berberes das épocas medieval e moderna.

O sentimento do sagrado entre os líbios parece ter-se cristalizado em torno dos mais variados objetos. As forças sobrenaturais eram freqüentemente relacionadas ao *topos*, donde a presença de numerosos gênios fluviais ou montanheses nas inscrições de época romana⁷⁴. Essas forças podiam igualmente residir em objetos bastante comuns: pedras redondas (seixos de granito, por exemplo) ou pontudas, simbolizando o rosto ou o falo do homem, eram objeto de culto⁷⁵; Pomponius Mela (*Chor.* I, 39) e Plínio (*H.N.* II, 115) falam de uma rocha da Cirenaica que, tocada, podia desencadear o vento sul. As águas doces, principalmente as fontes e os poços, eram também cultuadas; no século IV da era cristã, Sto. Agostinho relata que no dia de São João os Númidas banhavam-se ritualmente no mar. A dendrolatria era por vezes praticada: um concílio africano, no século IV, requeria aos imperadores a destruição da idolatria "até mesmo nos bosques e nas árvores". Banhos de mar durante o solstício de verão e culto às árvores são manifestações de uma exaltação da fecundidade que se exprime de maneira mais direta entre os Dapsolibues, segundo Nicolas de Damasco, contemporâneo de Augusto (C. Müller, *Fragmenta Hist. Graec.*, III, p. 462, frag. 135): logo após o ocaso das Pléiades, na calada da noite, as mulheres se retiravam e apagavam as luzes; os homens iam ao seu encontro e cada um possuía aquela a quem o acaso o unisse. Acreditamos que esses "Dapsolibues" eram na realidade os Dapsilolibues, ou "líbios opulentos", o que torna compreensível o apego desse povo aos rituais de fecundidade, como a "noite do erro".

⁷³ CAMPS, G., 1961, op. cit., p. 461.

⁷⁴ Cf. LEGLAY, M., 1966, op. cit., p. 420 e nota 7, p. 421 e nota 1; VYICHL, W., 1972, pp. 623-4.

⁷⁵ GOBERT, E., 1948, pp. 24-110; VYICHL, W., 1972, op. cit., p. 679.

Os animais que simbolizam de maneira mais evidente a força fecundante — o touro, o leão e o carneiro — foram reverenciados pelos líbios. Coripo (*Iohannidos* IV, 666-673) relata que os Laguantan (ou Lewâta) das Sirtes soltavam um touro — que representava o deus Gurzil, filho de Âmon — no encalço de seus inimigos. O túmulo real de Kbor Roumia, perto de Cherchel, assim como o mausoléu principesco de Dougga, é decorado com imagens de leões. Mas foi o carneiro o animal mais cultuado⁷⁶ (provavelmente em toda a África antes do dessecamento do Saara). Segundo Atanásio (*contra gentes*, 24), esse animal era tido pelos líbios como uma divindade, recebendo o nome de Âmon. É preciso também mencionar o culto ao peixe, próprio da área da atual Tunísia, que explica em parte a abundância das representações desse animal nos mosaicos tunisianos. Símbolo fálico, o peixe eliminava o mau-olhado. Em Susa, um mosaico representa um falo pisciforme ejaculando entre dois órgãos sexuais femininos. Ao peixe correspondia a concha, símbolo do sexo feminino; bastante difundida na África Menor, servia de amuleto aos vivos e reconfortava os mortos no túmulo.

Outras partes do corpo humano foram consideradas como receptáculo de forças sobrenaturais, em especial o cabelo. G. Charles-Picard⁷⁷ sublinhou o fato de os líbios usarem freqüentemente uma trança única formando uma cimeira, dos afrescos egípcios ao Hermes líbio das termas dos Antoninos, passando pelos *macae* de Heródoto (IV, 175). De acordo com Estrabão (XVII, 3, 7), os maurusienses evitavam aproximar-se demais uns dos outros durante suas caminhadas, a fim de manter os cabelos em ordem. Mais do que vaidade, trata-se provavelmente da crença religiosa de uma ameaça à vitalidade. É sem dúvida por esse motivo que entre as mulheres adirmáquidas a captura de pio-lhos fazia-se acompanhar de um ritual de vingança (Heródoto, IV, 168).

No além-túmulo o homem era rodeado de cuidados. É o domínio do espaço religioso melhor iluminado pela arqueologia; a tese monumental de G. Camps⁷⁸ nos permite percorrê-lo brevemente.

O corpo era geralmente enterrado em posição lateral fletida ou contraída, e os ossos, freqüentemente descarnados; mais freqüente ainda era o revestimento da carne e dos ossos com ocre vermelho que, segundo a crença, revivificava o cadáver. Alimentos colocados no túmulo continuavam a alimentar o defunto, e sua vida no além era protegida por amuletos. Recebia inúmeras oferendas de animais, como a de um cavalo, e por vezes um homicídio ritual era perpetrado a fim de que o morto pudesse continuar contando com um fiel servidor. Depois de mortos, os membros de sua família eram enterrados no mesmo túmulo, assim como, freqüentemente, sua esposa — principalmente na Orania e no Marrocos —, fato que prova ter sido a monogamia — ou a poligamia seletiva — bastante difundida.

Ofereciam-se sacrifícios aos mortos diante de seus túmulos ou em recintos especiais orientados para leste, direção do sol nascente. A potência vital do

⁷⁶ CHARLES-PICARD, G., 1958-a, op. cit., p. 11; LEGLAY, M., op. cit., pp. 11 e 421-3; GERMAIN, G., pp. 93-124; VYICHL, W., op. cit., pp. 695-7.

⁷⁷ CHARLES-PICARD, G., 1958-a, op. cit., p. 14.

⁷⁸ CAMPS, G., 1961, op. cit., pp. 461-566. Só podemos esboçar aqui um resumo bastante sucinto desse levantamento dos dados arqueológicos.



5. Estela líbia de Abizar (sudeste de Tizirt): representação em baixo-relevo de um cavaleiro armado. Tem na mão esquerda um escudo circular e três lanças; o braço direito está estendido e a mão, elevada à altura da testa, segura um objeto redondo, não identificado, entre o polegar e o indicador; sua barba, triangular e pontuda, lhe desce até o peito. Sobre a garupa do cavalo, uma personagem de pequena estatura tem a mão esquerda em contato com o guerreiro; na direita empunha uma arma. O cavalo tem um amuleto — possivelmente um falo — em torno do pescoço; à sua frente estão dois animais, um quadrúpede e uma ave (talvez um cão e uma avestruz).

defunto era por vezes simbolizada pela ereção de menires ou de estelas-menir. Heródoto (IV, 172) narra que os nasamones consultavam os ancestrais sobre o futuro indo dormir sobre seus túmulos; G. Camps acredita que esse ritual de incubação é a razão de ser das *bazinas* e dos *tumuli* com plataforma. No entanto, a arquitetura que parece melhor se adequar a esse costume é a dos monumentos com capela e câmara existentes no Saara. É provável que esse ritual fosse muito freqüente entre os saarianos, dado que, segundo Heródoto (IV, 184), o fato de os atlantes não terem visões durante o sono provocava o espanto desses povos.

Heródoto (IV, 172) assinala também que quando os nasamones prestavam algum juramento, colocavam a mão sobre o túmulo daquele que consideravam o melhor e o mais justo; talvez essa prática represente a origem de um culto aos mortos. A arqueologia proto-histórica mostra que em torno de certos túmulos constituíram-se cemitérios inteiros. Os defuntos particularmente estimados podiam, ao que parece, arrebanhar multidões funerárias (e também, sem dúvida, multidões de vivos). G. Camps⁷⁹ se interroga, com razão, sobre a possibilidade de o culto aos mortos ter levado à constituição ou remodelagem dos grupos de populações atestados às épocas púnica e romana; um culto ao soberano defunto surgiria logo após a fundação de um reino.

Os líbios não parecem ter concebido grandes figuras divinas, mais ou menos humanizadas. Só dirigiam sacrifícios ao Sol e à Lua, conforme relata Heródoto (IV, 188); no entanto, os habitantes da região de Djerid ofereciam sacrifícios a Atenas, Tritão e Poseidon, ao passo que os atarantes (IV, 184), vizinhos ocidentais dos garamantes, amaldiçoavam o Sol. Segundo Cícero (*Rep.*, VI, 4), Massinissa rendia graças ao Sol e às demais divindades do céu. Em diversas cidades da África romana — Mactar, Althiburos, Thugga, Sufetula — o Sol permanece deificado; é possível que em alguns lugares tenha havido influência púnica⁸⁰.

Excetuando-se os dois astros, a epigrafia e as fontes literárias nos revelam um sem-número de divindades, freqüentemente mencionadas por uma só vez, ou invocadas sob forma coletiva, como é o caso dos *dii mauri*⁸¹. É bem verdade que um relevo descoberto nas proximidades de Beja parece figurar uma espécie de panteão com sete divindades, mas nesse caso foi sem dúvida um politeísmo organizado sob a influência púnica que levou os líbios a personificar as forças divinas. Livres de influências, os líbios sempre estiveram mais próximos do sagrado que dos deuses⁸².

⁷⁹ CAMPS, G., 1961, op. cit., p. 564.

⁸⁰ CHARLES-PICARD, G., 1957, pp. 33-9.

⁸¹ CAMPS, G., 1954, pp. 233-60.

⁸² Sobre a hipótese da existência de um deus principal entre os líbico-berberes, cf. LEGLAY, M., op. cit., pp. 425-31. Após ter excluído Iolaos, Baliddir e Iush, Leglay exprime a opinião de que Âmon de Tebas estaria em vias de se impor à África saariana e à África Menor quando os fenícios chegaram ao continente. Teoria sem dúvida interessante, mas que não nos parece inteiramente demonstrada.